

MÚSICA TRADICIONAL NO ALGARVE: ABORDAGEM

E ANÁLISE COMPARATIVA

Helder Raimundo*

Daniel Vieira*

A partir da experiência acumulada ao longo de uma dezena de anos, na recolha de lições de Música Tradicional, em vários concelhos do Algarve, reflecte-se a sua importância no contexto da Etnomusicologia e do folclore do país.

Atenta-se na diversidade musical da região, proveniente de influências sociais e culturais e desenvolve-se uma análise comparativa entre as suas sub-regiões.

INTRODUÇÃO

A música folclórica ou tradicional, só muito recentemente viu reconhecida a sua importância no seio da musicologia europeia, tendo contribuído para tal as novas concepções etnomusicológicas que desbravaram práticas ancestrais, a que se encontravam ligadas o canto e a dança. Tal como afirma o Grupo Almanaque: "... a música folclórica acompanha desde tempos imemoriais a vida dos povos (...). Estava assim indissoluvelmente ligada a certas funções ou ritos os quais, tendo necessidade de ser acompanhados por algo que excedesse os simples movimentos físicos, geravam a pouco e pouco, esboços de linhas melódicas..." (Folheto do disco "Descantes e Cantaréis" p. 7).

Desde há cerca de 100 anos que reconhecidos investigadores e grupos, têm vindo a preocupar-se em recolher e registar lições musicais, no seio das gentes populares, nos mais recônditos lugares. O Algarve, despertou também o interesse de investigadores como Armando Leça, Veiga de Oliveira, Michel Giacometti e Fernando Lopes Graça entre outros. A imagem de marca do corridinho na música tradicional algarvia, poderia constituir um desafio aos colectores e investigadores que buscavam a genuinidade do folclore musical da nossa região. Foi também essa para nós a pedra de toque que originou há cerca de 10 anos, um Inventário de Recolha de música tradicional algarvia. Tínhamos como ponto de partida algumas afirmações polémicas, as quais contrariavam algumas opiniões que ainda hoje são defendidas, por exemplo nesta tribuna.

Armando Leça, por exemplo, no seu livro "Música Popular Portuguesa" afirmava a dado passo: "Quando a Emissora Nacional divulgar os discos de música

* Investigadores de temas de Etnografia e Antropologia.

regional, derreter-se-ão frases como "o fado é a canção nacional", "o vira e o corridinho sintetizam os cancioneiros de duas províncias: Minho e Algarve". (Editorial Domingos Barreira, I Vol. p.17 s/ data). Por outro lado, Lopes Graça em nota explicativa ao 2º disco de Antologia da Música Popular Portuguesa afirmava: "A presente recolha vem dizer-nos algo, sem dúvida de interesse sobre a música tradicional algarvia. A primeira coisa que ela nos revela é ser o clichê do corridinho como tipo mesmo da música popular algarvia, sua imagem e sua superior floração inteiramente falso. No Algarve há mais e manifestamente melhor do que o corridinho..." (Nota ao disco sobre o Algarve).

A SITUAÇÃO DO CORRIDINHO NA MÚSICA DO ALGARVE

A nossa experiência no levantamento etnomusicológico do Algarve, permite-nos, hoje, concordar e relevar estas afirmações. A partir da análise dos espécimes recolhidos em diversos polos musicais dos concelhos de Loulé, Portimão, Aljezur, Tavira, Silves e Alcoutim é possível caracterizar o Algarve como uma "manta de retalhos" musical. Tecida a partir de um espaço social e geográfico heterogêneo, nuns locais aberto à influência externa, noutros isolado sobre os seus valores e práticas culturais.

O corridinho surgia-nos assim a nível da dança, executado sob variadas formas, dançado sobre um meio alqueire ou ladrilho, em forma de balso pulado ou rasteiro, ainda saltitante e brejeiro, mas quase nunca, na forma como nos é apresentado por grande parte dos chamados Ranchos Folclóricos. Em seu lugar na música de dança, surgia-nos com maior fôlego, o baile ou jogo de roda, em todos os montes e aldeias citado e ainda às vezes cantado e dançado. Compreendemos assim, que esse poderá ser o ritmo coreografado mais primitivo, espontaneamente dançado de mãos dadas em roda infantil, à volta de uma fogueira, dum mastro de S. João, por adultos à roda duma fonte ou ainda de 1 par. Dançado em todo o lado, nos eirados e caminhos para a fonte, nas adiafas e enceiramentos do figo, nos intervalos do trabalho. Como suporte musical teriam rudimentares instrumentos, como a harmónica ("flauta" no vulgo), a flauta de cana travessa ou o pequeno harmónio, e muitas vezes quando o tocador descansava da melopeia repetitiva, irrompia o primitivo "toque de gana", garganta afinada de um homem ou de uma mulher. É natural que a criatividade musical e coreográfica do homem, o tenha levado a adoptar e transformar melodias de influência social e cultural externa. E daí a mistura e evolução verificada entre as danças de salão e os bailes de roda, cadeados e marchas de passeio, valsas e corridos.

Estas danças poderão remeter-nos assim para anteriores polcas e mazurcas, valsas, contradanças e galopes, deixados cá por trocas culturais com franceses, ingleses, espanhóis e outros povos. É ainda visível essa influência na poesia e na música que temos vindo a coligir. A introdução do "acordeon"

veio também acelerar este processo de apropriação do corridinho, dotando-o de rapidez e espectacularidade e roubando-lhe beleza e harmonia coreográfica que antes ainda detinha.

Mas o Algarve vive, felizmente, de outros espécimes musicais de superior valia que tornaram rico o seu património musical, se bem que aceitemos a ideia, da ausência no Algarve, de música vocal polifónica e duma insuficiente música instrumental, se compararmos com regiões como o Minho, o Douro Litoral ou as Beiras.

CARACTERIZAÇÃO MUSICAL DO ALGARVE

Esboçando uma caracterização da música tradicional do Algarve e tomando como quadro de referência a subdivisão em 3 zonas distintas, podemos apontar como espécimes da musicologia tradicional:

Na serra, isolada até há pouco tempo por barreiras naturais em que se destacam o maciço monchiquenho e toda a serra do Caldeirão, vivendo num sistema socio-económico agro-pastoril, registamos:

- O Romance tradicional, enquadrado quase sempre por uma melodia primitiva, a lembrar cantares de gesta medievais. Acompanhava grande parte dos serões familiares, junto da lareira no inverno, ou servia de lenitivo nas agruras do trabalho, de que são exemplos a Dona Mariana e o Cativo, ainda a denotar laivos de influência mourisca.
- Os cânticos religiosos, como as Encomendações das Almas cantadas por grupos no dia de Finados, sob forma arcaica e em tom dramático, de que é exemplo o "Recordai Nobre Senhor" de Alcoutim; ou ainda o "Sto. António", cantado portas adentro nos terços da Quaresma; a enorme quantidade de versões do cântico "Bendito Louvado" ou o exemplar da "Verónica".
- Os Bailes de roda, ritmados pelo pequeno harmónio ou a harmónica de boca, uma toada lenta e rasteira, sob nitida influência Baixo-alentejana.

No Barrocal, faixa intermédia assente numa estrutura agrícola e nalgumas pequenas indústrias artesanais, já sujeita a algumas influências culturais das zonas litorais e periféricas, podemos encontrar:

- Bailes de roda, de cariz diferente, mais pulados e aligeirados, ca-deados, enleados e de ladrão.
- Os instrumentais de flauta de cana travessa (pífaro de pastor que acompanhava o guardar do gado nos montes e vales), corridinhos e rodas, muito presentes no concelho de Loulé.
- Os topes, uma das danças menos dançadas pelo nosso povo e da qual se conhece 1 único exemplar no Algarve, coligido em Alte, acompanhada de harmónica e castanholas.

- De citar ainda as "Loas" ditas por cavaleiros vestidos de branco, com mitras na cabeça, à N. Sra. das Dores, para agradecimento de favores, patentes na aldeia de Alte, no concelho de Loulé; e também os preções dos antigos mercados de Portimão e Tavira.

No litoral sul, espaço aberto ao Atlântico, ao Norte d'Africa e à Andaluza espanhola, zona de interacção cultural por excelência, presencia-mos:

- Fulgurantes cantigas de trabalho, específicas do mar, companheiras do esforço braçal do alar das redes de pesca, de que são exemplos o célebre "Leva-leva", recolhido por Giacometti a bordo de uma traineira e também o "Oh Ribolé" e outras entoações e ditos espontâneos de trabalho, ouvidos por nós em Portimão.
- O cântico religioso "Salvé Rainha do Mar" espécie de ladainha entoada antigamente nas armações do atum ou frente às capelas situadas na costa entre Anmação de Pera e o Cabo de Sta. Maria, nos percursos da faina.
- Alguns Romances de cego, fados vadios e corridos, com certeza, divulgados pelos músicos ambulantes de feira em feira.

Presentes na generalidade em todo o Algarve, podemos referir:

- Os embalos, toadas que acompanham o doce balancear do berço, de que é exemplo paradigmático todo o espólio do "Vai t'embora passarinho...", presente em Alvor, S. Marcos da Serra, Budens, Cachopo e muitas outras aldeias.
- A infinidade de versões recolhidas de cânticos ao Menino, de Janeiras e Reis, entoadas por grupos espontâneos e organizados, rurais e urbanos, durante a Época de Natal. Assumindo uma variedade de designações como janeireiros, joldas ou charolas, acompanhavam-se por uma diversidade de instrumentos disponíveis de cordas e percussão, cantando e rezando de porta em porta.
- Os cânticos de Carnaval as orações cantadas dos Terços da Quaresma e os bailes de S. João.

E finalmente, uma questão que nos interessa investigar, os cantos do chamados "pobres de Monte Gordo", que de Outubro a Março/Abril, em tempo de defeso da faina do mar, calcorreavam quase todo o Algarve. Pedindo para os seus, pão e chouriça, em troca de encomendações, janeiras, romances e orações.

A INFLUÊNCIA CULTURAL E SOCIAL NA MÚSICA DO ALGARVE

Esta diversidade musical do Algarve, assenta também num misto de influências, num "placard de culturas", próprio de uma região, onde as trocas sociais e culturais permanecem desde há muitos séculos. A dominação mulçumana e o

período da reconquista cristã; os tempos da expansão quatrocentista portuguesa e a colonização das ilhas e do norte de África, deixaram marcas indeléveis que não permitirão a ninguém afirmar genuinidades absolutas. Mais recentemente a emigração e o êxodo rural, as migrações sazonais para o Alentejo e Ribatejo em busca de trabalho nas mondas e ceifas; as idas frequentes em fainas de pesca para a costa de Marrocos e Mauritânia, promoveram modernas interinfluências, deixaram e trouxeram cantigas, instrumentos e ritmos.

Que dizer por exemplo das imbricações e requebros da "Encomendação das Almas", com inequívocos arabescos na forma do cântico e sobretudo a similitude que recentemente detectamos entre o desenho melódico de um tema da Orquestra Andalusi de Tânger e Romances que gravámos em 1982, em Aljezur.

Por exemplo, na aldeia da Torre, arredores de Alte, ouvem-se com admiração o Milho Verde, a Amora Madura, o Dão Solidão, e bailes de roda que falam da Mina de S. Domingos; em Aljezur recolhem-se cantigas de roda que falam do Largo do Pamarão, remetendo-nos de novo ao Baixo Alentejo. E como fenómeno de divulgação e promoção recente, porque não referir as Charolas, verdadeiras filarmónicas de influências dispersas e toque andaluz, com as suas marchas, valsas e cantos novos, adejados de instrumentos de sopro, castanholas e pandeiretas, a imprimirem quase um ritmo "flamenco".

Aliás, todas estas referências não são só apanágio do Algarve e da sua música. Amando Leça refere no seu livro "Da Música Portuguesa": "De boca em boca, de província em província, os cantares passam, coam-se e alguns conseguem atravessar quase todo o país. Encontrei no Alentejo, canções do Minho e beiroas. O regionalismo porém, molda-as à sua feição e tornam-se por vezes quase irreconhecíveis " (2a. edição, 1942, pgs. 39/40).

CONCLUSÃO

Por tudo o que atrás ficou dito, se poderá avaliar da premente necessidade de proceder a um completo inventário etnomusical do Algarve que permita a constituição de um Arquivo Sonoro da música tradicional algarvia. Paralelamente, indispensável se torna também, o início da recolha de instrumentos musicais, que dê os primeiros passos na organização de um Museu de Instrumentos Musicais Populares do Algarve. Só estas medidas, há tempo defendidas, possibilitarão a conservação e o estudo de componentes importantes da nossa memória cultural.